LEMAD História USP

Universidade de São Paulo
Pró-Reitoria de Graduação

KITS DIDÁTICOS

DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO

Material Impresso e Digital

Usos, Projetos e Representações da Floresta Amazônica - Séculos XVI ao XX

Parte II - A Destruição Chamada Desenvolvimento

Indígena Aikewara na BR 153. Foto de Orlando Calheiros. 2014. Disponível em: <https://apublica.org/2014/12/a-guerra-do-araguaia-contada-pelos-aikewara/> Acesso em: 18 de jun. de 2020.

USP - Pró-Reitoria de Graduação

KITS DIDÁTICOS
DOCUMENTOS HISTÓRICOS NO ENSINO
Material Impresso e Digital

Coordenação:
Prof.ª Drª. Antonia Terra de Calazans Fernandes

Monitor Bolsista da Licenciatura:
Victor Pastore

Alunos do Programa Unificado de Bolsas de Estudos:
Isabella Oliveira Cafer
Marcelo Correia

Funcionário Administrativo:
Marcos Antonio de Oliveira

Laboratório de Ensino e Material Didático – LEMAD
Departamento de História – FFLCH – USP
2020

Documentos

1. “O inferno está acabando”. Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas. Revista “Realidade”, Suplemento Especial. Editora Abril, Julho, 1970, p. 49.

2. Discurso de Médici, 8 de outubro de 1970. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/24/view>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

3. “Médici em Altamira deu início à Transamazônica”; “Presidente voltou deixando mais fé”. Jornal do Commercio, Manaus, 10 de outubro de 1970. Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054_1970_20522.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

4. Capa da Revista “Realidade”, Suplemento Especial. Editora Abril, Julho, 1970.

5. “Amazônia, um futuro deserto?”. José Stacchini. O Estado de São Paulo, 31 de maio de 1970. Arquivo do jornal O Estado de São Paulo.

6. Mapas - Projetos e Povos Indígenas ao longo da Transamazônica na década de 1970. Veja, 24/06/1970; Moraes et al., 1970. In: OLIVEIRA NETO, Thiago. Rodovia Transamazônica: o projeto de integração deu certo? Revista Gestão & Políticas Públicas, vol. 5(2), p. 298, 2015. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/139510/138594>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

7. Discurso dos indígenas Panará (Krain-a-Kore). Trecho do documentário “De volta à terra boa” (Vídeo nas Aldeias). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KwXKuOSHE5k>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

8. “Em busca dos índios gigantes”. Jornal do Brasil, 18/11/1970. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27414_20140428_112933.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

9. “Funai reconhece decadência dos kranhacãrores”. O Estado de São Paulo, 02/10/1975. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27701_20140605_125643.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

10. Fotografia - Índios Krain-a-Kore (Panará). Orlando Brito, em O Globo, 25/03/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-historia-de-resistencia-morte-dos-povos-indigenas-na-ditadura-militar-21110809>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

11a. Krena-karore retornam às terras. A Gazeta, 03/12/1994. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27718_20140609_1336pdf>. Acesso em 18 de jun. de 2020.

Documentos

11b. Índios Panará voltam para casa. Jornal da Tarde, 05/11/1996. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27731_20140609_175403.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

A Amazônia é uma floresta úmida e equatorial, localizada na América do Sul, de sete milhões de quilômetros quadrados, que cobre a Bacia do Rio Amazonas e grande extensão do território brasileiro. Ela existe há 55 milhões de anos e os achados arqueológicos indicam que tem sido habitada há mais de 11 mil anos. É uma das poucas florestas tropicais remanescentes no planeta, preservando importante biodiversidade.

As particularidades da floresta Amazônica estão presentes na literatura de viagem de diferentes épocas. Os relatos dos primeiros europeus que aportaram na América indicam a presença das numerosas populações nativas habitando suas diferentes áreas. Esse foi o caso do padre espanhol Gaspar de Carvajal, em expedição comandada por Gonçalo Pizarro (irmão de Francisco Pizarro), em viagem pelo rio Amazonas, de Quito até a foz, durante o ano de 1540, que descreveu as inúmeras povoações e multiplicidade de povos ao longo do percurso. Já Jean Louis Rodolph Agassiz (1807-1873), que esteve no Brasil entre os anos de 1865 e 1866, voltou sua preocupação para as raridades das espécies vegetais nela presentes. E o artista francês Hercules Florence, da expedição comandada pelo Barão de Langsdorff, que chegou até o Pará em 1829, retratou os costumes dos Apiacá.

Vários são os ideários e as representações que se tem da Amazônia, além de diferentes tipos de atenção e representações quanto à ocupação indígena, uso do território e exploração de sua biodiversidade. Desde o século XVI, existiu o mapeamento das potencialidades de riquezas a serem exploradas e das intervenções para moldar a florestas e seus habitantes aos modos de vida europeus. Também no século XX, projetos de integração e intervenção mais direta ocorreram no governo do presidente Afonso Pena. O militar Cândido Mariano da Silva Rondon foi encarregado de estender a linha telegráfica do Mato Grosso à Amazônia, e, assim, integrando-a ao Brasil, pela perspectiva da modernidade. Essa missão, chamada de expedição Rondon, entre os anos de 1907 e 1909, desenhou o percurso de alguns rios e travou contato com o povo Nambiquara.

As políticas governamentais de integração da floresta ao território nacional, cujo significado era descaracterizá-la para implantar modelos econômicos capitalistas, ganharam fôlego durante o período da Ditadura Militar Brasileira, mais especificamente durante o governo Médici (1969-1974). É possível identificar a cristalização desse ideário em seu discurso oficial, em que a Amazônia era entendida como um verdadeiro “inferno verde”, um território ainda desconhecido, perigoso, subdesenvolvido e desintegrado do restante do Brasil. Segundo essa posição, cabia ao governo descobri-la, colonizá-la e possibilitar sua exploração, a partir da imposição de outro padrão econômico.

Esse ideário sustentou um projeto de ocupação e de obras públicas na região, cuja maior expressão foi a construção da Rodovia Transamazônica (BR - 230), na década de 1970, uma obra com mais de 4000 km de extensão, cortando grande parte da área de floresta. Apesar dos discursos que caracterizam a região como um vazio demográfico, a construção resultou no genocídio de povos indígenas, desapropriações de seus territórios, além de danos ambientais, sobretudo em consequência do desmatamento. Tais aspectos revelam uma outra face dos projetos desenvolvimentistas.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Um dos grupos indígenas atingidos pela construção da estrada foi os Panará (também conhecidos como Kranhankoroses, Kranhacãrores, Krain-a-Kore, ou “Índios Gigantes”), cujo território foi alcançado pela obra. A chegada dos não-indígenas ocasionou doenças, mortes e perda da região onde habitavam, além da devastação de grandes trechos da floresta. Por sua vez, os Panará conviviam e entendiam a floresta de outra maneira: como fornecedora dos recursos de sobrevivência, espaço de vivência a ser preservado e local de ancestralidade. Outros povos indígenas passaram por uma história semelhante, a partir das incursões de nacionais e estrangeiros nos territórios amazônicos, interessados em explorar borracha, madeira, garimpo, criação de gado ou plantio de soja.

Após uma longa história de luta, os Panará retomaram parte de suas terras na década de 1990, a partir da demarcação oficial conquistada frente ao Estado. Apesar das situações de desrespeito aos povos indígenas serem retomadas de tempos em tempos, a Constituição de 1988 resguardou direitos que podem ser reivindicados, garantindo a permanência da luta pela preservação da floresta e dos territórios dos povos originários.

Este Kit Didático tem como objetivo explorar diferentes perspectivas e interações com a Floresta Amazônica ao longo da história, promovendo uma discussão sobre os discursos e representações que sustentaram projetos oficiais de intervenção naquele território, além de confrontar os distintos modos de ver a floresta.

Para isso, apresentamos documentos de diferentes épocas, considerando os primeiros relatos sobre sua exuberância e a constatação de ser uma região amplamente povoada pelas populações nativas; algumas políticas governamentais de intervenção, com objetivos de transformá-la; os discursos das políticas que estabeleceram como sinônimo de destruição a palavra “desenvolvimento”; as denúncias dos males desencadeados pelas políticas agressivas e descontroladas da imposição do modelo capitalista; a resistência de povos indígenas à tomada de suas terras e destruição do ambiente.

Para dar conta dessa amplitude de questões, dividimos o Kit em duas partes. Nesta ocasião, correspondente à Parte II, intitulada “A Destruição Chamada Desenvolvimento”, trazemos documentos que apresentam o projeto desenvolvimentista de exploração da região amazônica, empreendido pelo Estado brasileiro durante a Ditadura Militar, além de suas consequências para os povos indígenas que lá habitavam e para o meio ambiente.

Para inaugurar a discussão sobre as políticas da ditadura militar, apresentamos como Documento 1 um anúncio de 1970 promovido pelo DER-AM (Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas), sobre o início da construção da BR-319, Manaus - Porto Velho. A propaganda pede pela atenção dos brasileiros e convoca a ajuda do DNER (Departamento Nacional de Estradas de Rodagem) para colaborar financeiramente com a construção da estrada e contribuir assim para a destruição da floresta, caracterizada como “inferno verde”.

LEITURA DOS DOCUMENTOS

Em seguida, apresentamos o Documento 2, trecho do discurso do presidente Emílio. G. Médici, proferido em Manaus no ano de 1970, argumentando a existência de um grave subdesenvolvimento na Amazônia, além de sua falta de integração ao restante do país. Tal condição justifica o projeto desenvolvimentista e a construção da Rodovia Transamazônica, apontada como empreendimento para desenvolver e integrar a região terras, revertendo aquele cenário. Já o Documento 3 é uma notícia do Jornal do Commercio de Manaus, do ano de 1970, sobre a visita de Médici à cidade de Altamira, para a solenidade de início da construção da Transamazônica. No evento, uma árvore com mais de 50 metros foi derrubada simbolizando o fim de um dos obstáculos à construção da estrada - a floresta -, e uma placa foi fixada no topo de outra árvore, como marco inicial da obra. O documento 4 encerra a temática do projeto da Ditadura Militar, apresentando a capa da revista Realidade, Suplemento Especial, de 1970, com um balanço sobre os projetos do governo para o desenvolvimento do país. Na imagem de capa, tem-se o mapa do Brasil formado por uma colagem de diversas cenas do mundo do trabalho modernizado e mecanizado, com alta tecnologia - representação da ideia de progresso vendida pelo Estado.

O Documento 5 abre a discussão sobre as consequências do projeto de desenvolvimento, problematizando tal perspectiva. Trata-se de um artigo do jornal O Estado de S. Paulo, de 1970, sobre o outro lado da moeda do progresso: a devastação do meio ambiente e o possível esgotamento dos recursos naturais em um futuro próximo. No Documento 6, apresentamos dois mapas sobre a região de construção da Rodovia Transamazônica, ambos de 1970. No primeiro, é possível identificar as regiões consideradas como “boas para a agricultura” e os projetos de mineração, enquanto no segundo estão indicados alguns dos povos indígenas que habitavam os entornos de onde ocorreu a construção – o que permite questionar a noção da região como “vazio demográfico”. Os dois mapas sobrepostos evidenciam o embate entre os projetos de exploração econômica da Amazônia e as vivências indígenas, permitindo antecipar os conflitos que ocorreriam ali.

Os Documentos 7 a 10 exploram o tema das populações indígenas afetadas pela exploração da Amazônia, a partir do caso dos Panará. Os trechos das falas de indígenas, as reportagens de jornal e a fotografia escolhidos permitem trabalhar as relações dos indígenas com a floresta; os contatos entre eles e os não-indígenas; a resistência desses povos e os impactos dessa experiência. Por sua vez, os Documentos 11A e 11B relatam a reconquista dos Panará de seu território, no início da década de 1990, um marco na história das lutas indígenas por demarcação de terras após os direitos garantidos na Constituição de 1888.

Com a coletânea de documentos desta Parte II do Kit Didático, esperamos ser possível trabalhar o embate entre diferentes projetos e usos da floresta que estavam em jogo desde o contexto da Ditadura Militar no Brasil, na década de 1970. As questões expostas nesta parte podem ser melhor abordadas após as discussões suscitadas na Parte I do Kit, que traz relatos sobre a floresta anteriores aos projetos de exploração capitalista. Porém, ressaltamos que ambas as partes podem ser trabalhadas de forma autônoma, dependendo do encaminhamento escolhido pelo professor.

LEMAD
História
USP

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

1. Leia o documento 1. Qual o gênero textual desse documento?
2. Se considerarmos que esse material é uma propaganda, qual ideia ela está defendendo?
3. Qual instituição assina esse material?
4. O que a imagem retrata?
5. O texto menciona a rodovia BR- 319. Pesquise se a estrada foi finalizada.
6. O que o texto denomina de o “inferno verde”?
7. Por que será que o Departamento de Estradas de Rodagem defendia “acabar com o inferno verde”?
8. Observe o documento 2, ele é um discurso proferido em 8 de outubro de 1970, na Amazônia.
   a) Qual o autor do discurso?
   b) A quem ele é destinado?
9. O autor desse discurso apresenta uma visão sobre a Amazônia. Identifique as sentenças que correspondem ao que o discurso afirma:

   ( ) A Amazônia ainda não encontrou a sua vocação econômica;

   ( ) A região amazônica é um território grande e desconhecido;

   ( ) O território amazônico é amplamente povoado e aproveita a maioria de seus recursos naturais;

   ( ) A região amazônica é desabitada e desintegrada do restante do país;

   ( ) Para integrar a Amazônia ao restante do Brasil, Médici construirá a rodovia Transamazônica;
10. [Apenas se o professor trabalhou com a Parte I] Com base nos documentos da Parte I, a Amazônia podia ser considerada um território desabitado?
11. Leia e observe o documento 3. Segundo o jornal, quais os atos realizados na inauguração do trecho de Altamira, no Pará, da rodovia Transamazônica?
12. Partindo desses atos:
    a) O que a derrubada da árvore representa?
    b) Qual o projeto que o governo militar tinha para a floresta?
    c) Considerando a notícia e a legenda da imagem, qual a posição do Jornal do Comércio de Manaus sobre esse projeto?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

13. O documento 4 é a capa de uma revista do ano de 1970.
    a) Quais são as imagens que aparecem na capa? Qual a relação entre elas?
    b) Por que elas estão dentro do mapa do Brasil?
    c) É possível dizer que as imagens dentro do mapa representam um projeto econômico para o Brasil? Qual projeto era esse na década de 1970?
14. Leia o documento 5. A notícia relata a expansão agrícola na região amazônica e algumas de suas consequências.
    a) Como o jornal O Estado de São Paulo enxerga essa expansão?
    b) Como o jornal enxerga a floresta antes e depois da expansão agrícola? Preste atenção no título e nas cores mencionadas no texto.
15. Observe a data, leia o trecho da notícia e responda, quem são "eles"?

    "(...) Irão eles liquidar a floresta amazônica?".

16. Observe os mapas do documento 6.
    a) Por quantos e quais estados a rodovia transamazônica passa?
    b) Quais os povos indígenas estavam sendo atingidos pela rodovia?
    c) Identifique nas informações, apresentadas sobre os povos indígenas, quais os valores negativos eram utilizados para depreciá-los e apresentá-los como empecilho aos planos do governo?
16. As legendas do mapa A indicam as porções de terra consideradas como "boas para a agricultura" (amarelo escuro) e as porções onde haveriam "projetos de mineração" (vermelho). Escreva uma frase estabelecendo relações entre esses territórios valorizados para agricultura e mineração e o projeto da Rodovia Transamazônica.
17. Observe o mapa B. Quantas são os povos indígenas destacados no mapa?
18. Comparando os territórios marcados no mapa A e os territórios indígenas no mapa B, quais os possíveis impactos da construção da rodovia para os habitantes da região?
19. O documento 7 é um documentário com relatos dos indígenas Panará.
    a) A partir de que momento se deu o contato entre o não-índio e o povo Panará?
    b) De acordo com o indígena 1, qual foi o impacto do contato com o não-índio? O que eles perderam?
21. Segundo os indígenas, quais foram consequências do contato com os não-índio? O que quer dizer a frase "eles jogavam as doenças na gente", dita pelo indígena 4?

PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

22. Quais os sentimentos dos indígenas em relação à chegada do não-índio?
23. O que você acha que aconteceu com os indígenas que sobreviveram ao contato com o não-índio?
24. O documento 8 é uma manchete do Jornal do Brasil.
    a) Quem são os “índios gigantes”? Quais outras denominações para esse povo aparecem no jornal?
    b) Onde eles estão localizados?
    c) Como os indígenas são retratados?
    d) O jornal enxerga os indígenas como uma ameaça? Por que?
25. A notícia relata um saque promovido pelos “índios gigantes” ao acampamento da FUNAI.
    a) Pesquise a função da FUNAI e sua relação com os índios do Brasil, na época da notícia.
    b) Você enxerga a atitude desses indígenas em relação ao acampamento como uma forma de resistência?
26. O texto menciona os Irmãos Villas-Boas. Vocês já ouviram falar deles? Pesquise sobre quem são e o que fizeram.
27. O documento 9 é uma reportagem do jornal “O Estado de São Paulo”.
    a) Quanto tempo se passou entre o início da construção da rodovia, os primeiros contatos entre os indígenas e não-índios, e os fatos relatados na reportagem? O que isso nos diz sobre a natureza e os impactos desse contato?
    b) Você acredita que há outros motivos para mais da metade da população indígena ter desaparecido, além das doenças mencionadas?
28. Observe a imagem do documento 10.
    a) O que a imagem retrata?
    b) O que esse contato com o não-índio na beira da estrada pode implicar para os povos indígenas?

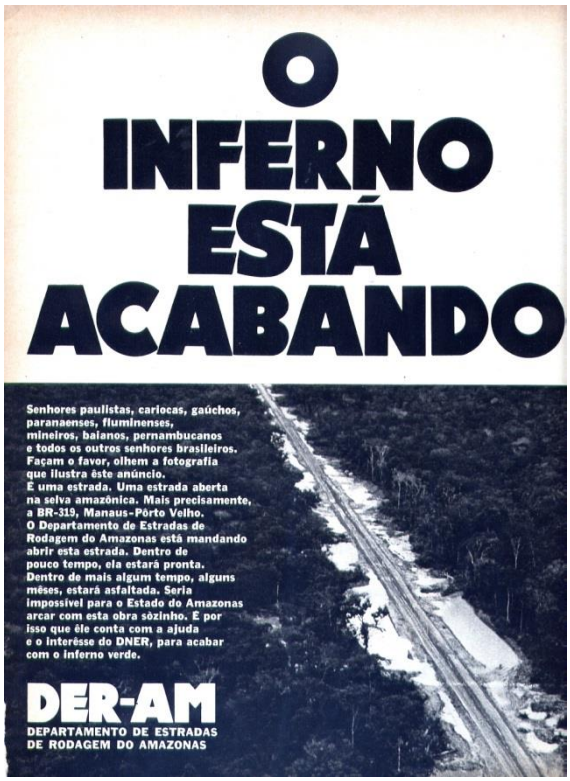
PROPOSTA DIDÁTICA COM USO DE DOCUMENTOS

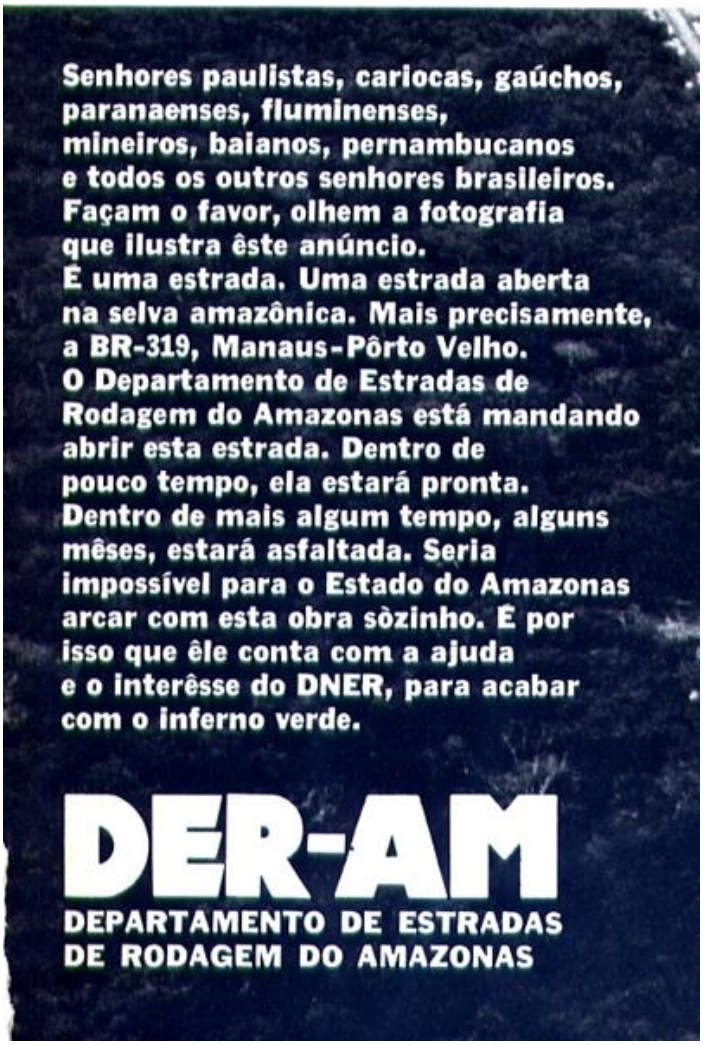
(sugestões de orientações que podem ser oferecidas pelo(a) professor(a) aos estudantes)

29. Com base no relato dos Panará, nas notícias de jornais e na fotografia, como você resumiria a história dos Panará, até este momento? O que essa história conta sobre os projetos de desenvolvimento da Amazônia no período militar e sobre os povos indígenas da região, em geral?
30. Leia os documentos 11A e 11B. O que as notícias contam sobre a continuação da história dos Panará? Quais eventos marcaram essa história?
31. Por que você acha que os Panará não se adaptaram ao Xingu? Por quais motivos desejavam sua terra original?
32. Com base no texto, como foi o processo de retomada das terras originais dos Panará? Quais os principais órgãos envolvidos? É importante notar que essa retomada foi possível após a conquista de direitos indígenas na Constituição de 1988, com a reorganização da democracia e o fim da Ditadura Militar.
33. Construa uma linha do tempo da história dos Panará, a partir dos documentos aqui analisados.

Documento 1

Transamazônica





"O inferno está acabando". Departamento de Estradas de Rodagem do Amazonas. Revista "Realidade", Suplemento Especial. Editora Abril, Julho, 1970, p. 49.

“Venho à Amazônia [...] trazer à gente desta terra a crença de meu governo e o entusiasmo do Brasil inteiro nos destinos da Amazônia. [...]

[...] A Amazônia ainda não encontrou sua vocação econômica. O café e o cacau, a madeira e a borracha, o boi, a juta e a castanha têm sido momentos passageiros de riqueza; momentos que não trouxeram mais duradouras mudanças na infraestrutura socioeconômica. Não encontrou a Amazônia a sua vocação porque, sendo mais da metade do Brasil, não se fez ainda de todo conhecida. [...]

[...] Manaus é o lugar para que o meu governo apresente as linhas gerais da primeira fase de sua política para a Amazônia e diga a sua decisão de assegurar, com energia e vontade, a soberania brasileira nesta outra metade do Brasil e de fazer andar o relógio amazônico, que muito se atrasou ou ficou parado no passado [...].

[...] Quero dizer que o problema inicial da Amazônia é conhecê-la de verdade. E que para conhecê-la, como é preciso, impõe-se torná-la mais próxima e mais aberta, para se poder povoá-la. Assim, a política de meu governo na Amazônia está voltada prioritariamente para a realização de um gigantesco esforço de integração, no duplo objetivo da descoberta e da humanização. [...].

[...] Somente quem testemunhou no Nordeste a caminhada de milhões de brasileiros sem terra e, agora, vem à Amazônia contemplar essa paisagem de milhões de hectares ainda desaproveitados, pode sentir, em toda a sua crueza, o quadro vivo de nossa luta pelo desenvolvimento. Há poucos exemplos de países assim tão providos de recursos naturais e humanos e tão lentos em aproveitá-los. É esse tempo perdido que nos dispomos a ultrapassar, cumprindo compromisso fundamental da Revolução [...].

[...] Nosso esforço inicial será concentrado na Transamazônica. [...].

[...] Aos participantes da epopeia da construção e colonização desta Transamazônica e de outras vias de desbravamento, que Deus haverá de me conceder à coragem de iniciar ao Sul e ao Norte do rio-mar, por fim em que não haverá de faltar todo um sistema de proteção da vida humana. [...]

[...] Quero dizer ao povo amazônico o meu testemunho, que venho recolhendo ao longo de minhas viagens, do entusiasmo que se levanta na alma de todos os brasileiros com a iniciação do Programa de Integração Nacional [...].

[...] Trago à Amazônia a confiança do Governo e a confiança do povo em que a Transamazônica possa ser afinal, o caminho para o encontro de sua verdadeira vocação econômica e para fazer-se mais próxima e mais aberta ao trabalho dos brasileiros de todas as partes. [...]”.

Discurso do presidente do regime militar Emílio Garrastazu Médici, em visita à Amazônia na festa religiosa da romaria do Círio de Nazaré, em 8 de outubro de 1970 (trechos selecionados – p. 145 à 156).
Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/emilio-medici/discursos/1970/24/view>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Documento 3

Médici em Altamira deu início à Transamazônica

Presidente voltou deixando mais fé

ALTAMIRA, PARÁ (MJC) — O presidente Médici aplaudiu entusiasticamente a derrubada em plena selva amazônica, ontem, de uma árvore de mais de 30 metros de altura, o que simbolizou a transposição de mais de um obstáculo à construção da Rodovia Transamazônica.

A solenidade realizada nesta pequena cidade do interior do Pará marcou o início das atividades da construção de um trecho daquela importante via de integração nacional, ligando Altamira ao Rio Repartimento, numa extensão de 300 kms.

RECEPÇÃO

Acompanhado dos ministros Mário Andreazza, Cirne Lima, Costa Cavalcante e Reis Veloso e dos chefe dos Gabinetes Civil e Militar da Presidência da República, o presidente Médici chegou a Altamira às 11 horas, sendo recebido no aeroporto local pelo governador Alacid Nunes e autoridades municipais.

Após receber honras militares, o presidente dirigiu-se ao centro da cidade, onde foi carinhosamente recepcionado pela população. Rumou em seguida para o canteiro das obras, distantes poucos quilômetros e em plena selva amazônica. Numa clareira aberta momentos antes, teve lugar a solenidade de hasteamento do Pavilhão Brasileiro ao som do Hino Nacional, seguido do descerramento de uma placa incrustada no tronco de uma grande árvore, com os seguintes dizeres: "Nestas margens do Xingu, em plena selva amazônica, o senhor Presidente da República dá início à construção da Transamazônica, numa arrancada da história para a conquista e colonização deste gigantesco mundo verde. Altamira, 9 de outubro de 1970"

JORNAL DO COMÉRCIO

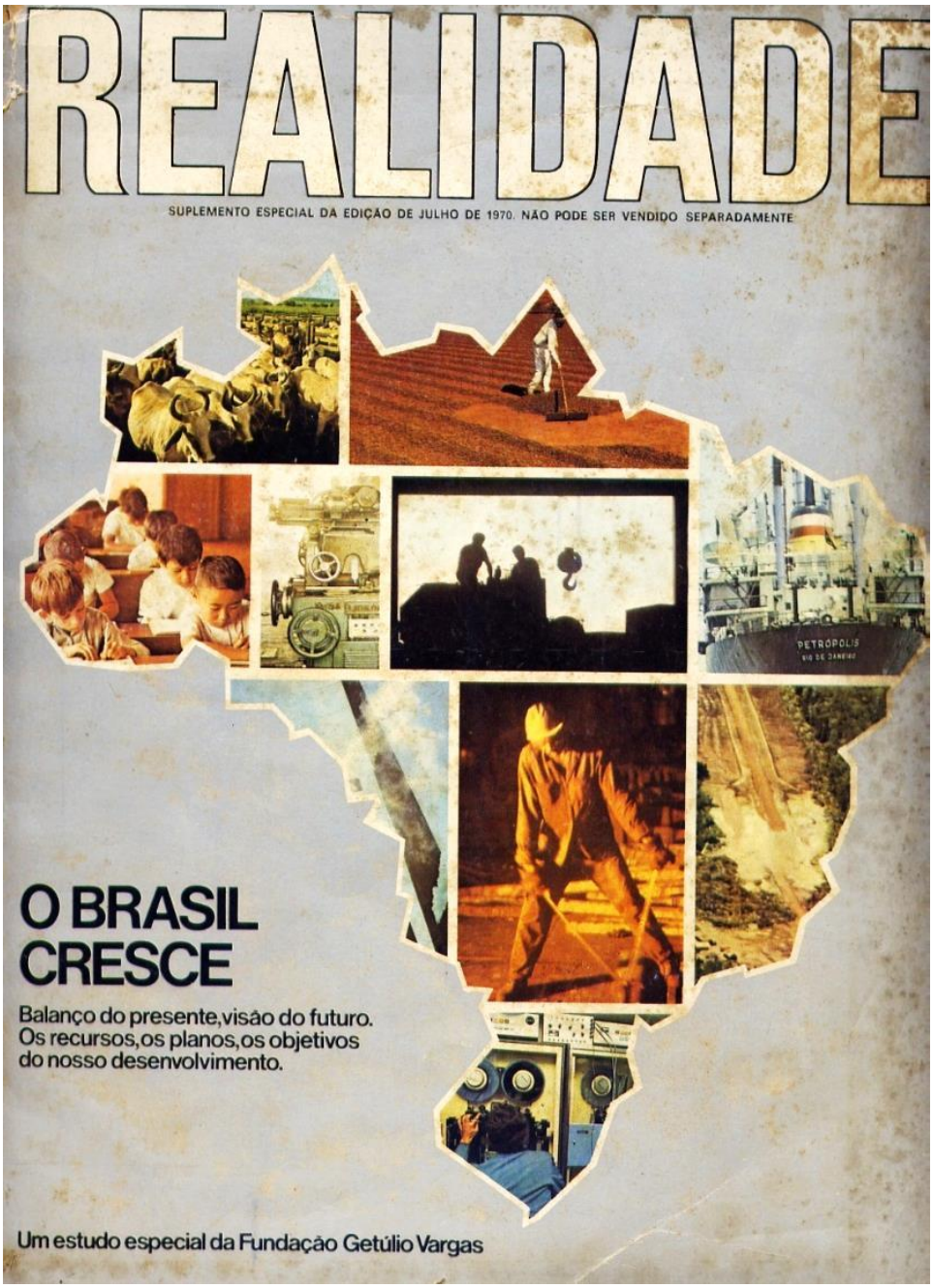
Fundador dos Diários Associados: Assis Chateaubriand

Fundado em 2 1 1904 | Ano LXVI | N.º 20522 | MANAUS — Sábado, 10 de Outubro de 1970 | Diretor: Epaminondas Barahuna

Altamira. Pará (MJC) – O presidente Médici aplaudiu entusiasticamente a derrubada em plena selva amazônica, ontem, de uma árvore de mais de 30 metros de altura, o que simbolizou a transposição de mais de um obstáculo à construção da Rodovia Transamazônica. (...)

Ao receber as honras militares, o presidente dirigiu-se ao centro da cidade, onde foi carinhosamente recepcionado pela população. Rumou em seguida para o canteiro das obras, distantes poucos quilômetros e em plena selva amazônica. Em uma clareira aberta momentos antes, teve lugar a solenidade de hasteamento do Pavilhão Brasileiro ao som do Hino Nacional, seguido do descerramento de uma placa incrustada ao tronco de uma árvore, com os seguintes dizeres: Nestas margens do Xingu, em plena selva amazônica, o senhos Presidente da República dá início à construção da Transamazônica, numa arrancada da história para a conquista e colonização deste gigantesco mundo verde. Altamira, 9 de outubro de 1970".

"Médici em Altamira deu início à Transamazônica"; "Presidente voltou deixando mais fé". Jornal do Commercio, Manaus, 10 de outubro de 1970. - Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/170054/per170054_1970_20522.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.



Capa da Revista “Realidade” Revista “Realidade”, Suplemento Especial.
Editora Abril, Julho, 1970.

DOMINGO, 31 DE MAIO DE 1970 O ESTADO DE S. PAULO

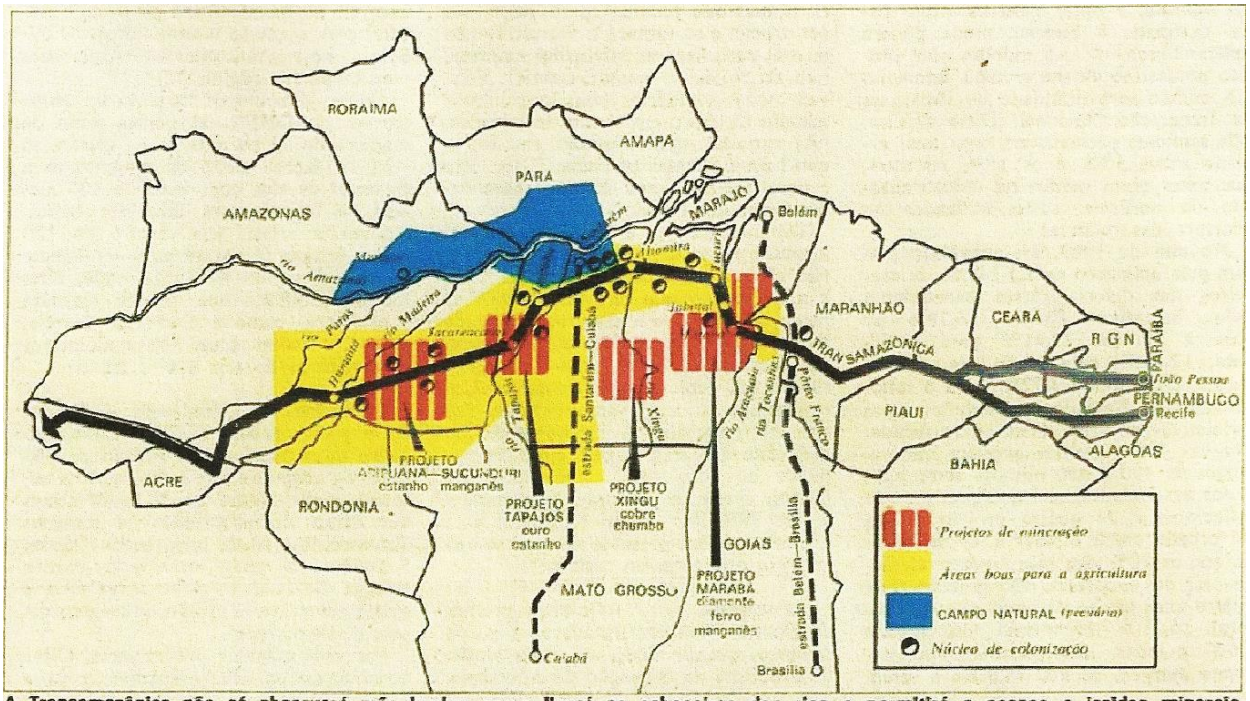
Amazônia, um futuro deserto?

Onde havia mata, agora há pasto; se não houver cuidado, depois será o deserto

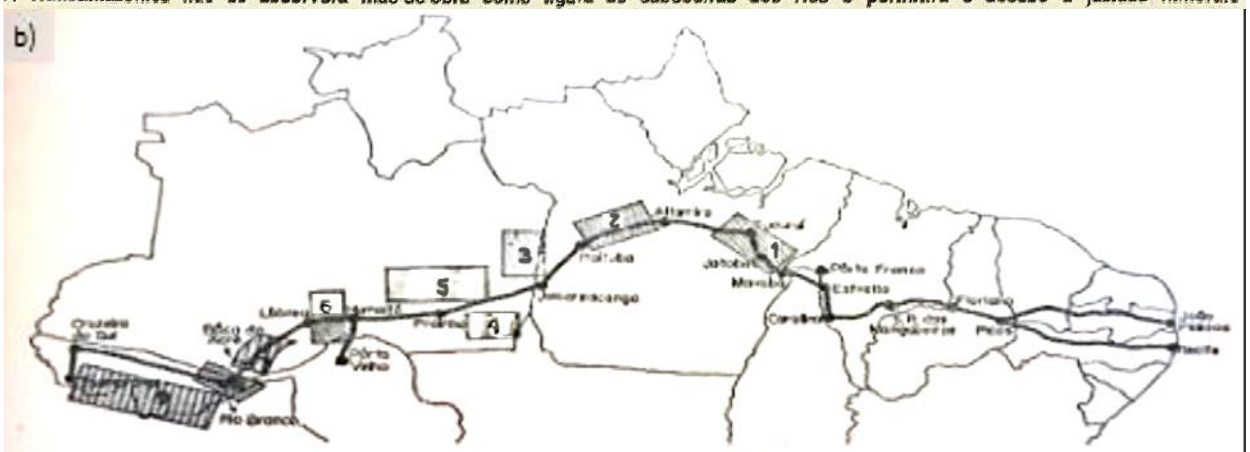
JOSÉ STACCHINI
Enviado Especial

Neste momento, em toda a floresta amazonica, pelo menos 20 000 trabalhadores estão derrubando arvores. Em muitos setores, operam com tratores e maquinaria moderna, e isso aumenta de modo consideravel o ritmo de trabalho. A enorme massa verde, aqui e acolá, vai ganhando manchas de côr diferente: é o verde mais claro do capim colonião que os pecuaristas vão plantando á medida em que a mata vai caindo. São os pastos, já povoados por milhares de reses. Porém, para que o gado lá possa morar, a floresta deve ser sacrificada. E quando se fala em sacrifício da floresta, e quando se observa que pelo menos 20.000 pessoas com suas máquinas maravilhosas, neste exato momento, estão derrubando aquelas arvores vetustas — é impossível conter uma atitude de receio: **irão êles liquidar a floresta amazônica?**

"*Amazônia, um futuro deserto?*". José Stacchini. O Estado de São Paulo, 31 de maio de 1970.



A Transamazônica não só absorverá mão-de-obra como ligará as cabeceiras dos rios e permitirá o acesso a jazidas minerais



OS INDIOS DA AMAZÔNIA E SUAS TERRAS

1 — Paracanãs, Araras, Assumirins a Açacarotes, muito agressivos, estão sempre em luta com mineradores e caçadores de peles.
2 — Jurunas, Caiapós e Kararões: há pouco tempo mataram sete caçadores de peles.
3 — Mundurucus, semicivilizados, e Apiacás, guerreiros ferozes.
4 — Campineiros: civilizados, em contato com seringueiros.
5 — Orelhas de Pau, Murás, Pirahans, Cauaeheiba e Parintintins: vivem na miséria, explorados por barqueiros e seringueiros.
6 — Junas: poucos e semicivilizados, êles não são perigosos.
7 — Aporinãs e Paumaris: civilizados.
8 — Caxarares e Caripunas: têm pouco contato com civilizados, mas são calmos.
9 — Camanaris, Nauás e Caxinauás: pouco hostis.

Mapas - Projetos e Povos Indígenas ao longo da Transamazônica na década de 1970. Veja, 24/06/1970; Moraes et al., 1970. In: OLIVEIRA NETO, Thiago. Rodovia Transamazônica: o projeto de integração deu certo? Revista Gestão & Políticas Públicas, vol. 5(2), p. 298. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rgpp/article/view/139510/138594>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Indígena Panará 1: Antes não tinha branco nas nossas terras. Não sei quem mandou eles pra cá. Eu quero que vocês me digam quem fez isso. Pode dizer o nome, eu quero saber quem foi. É isso que eu estou querendo descobrir. Eu estou vivendo sem floresta e por isso eu não vou me calar. Vocês, brancos precisam pagar pelo que vocês fizeram. Por que vocês não nos deixam em paz? Por que vocês acabaram com a minha terra? Vocês acabaram com tudo: os cheiros bons, as coisas gostosas. Isso me faz raiva. Por isso digo essas coisas, os brancos precisam pagar pelo que fizeram. Eu já disse o que tinha que dizer. Ainda estou com raiva pela terra boa que eu perdi, era pra eu estar morando lá.

Indígena Panará 2: Nós pensamos: "Por que eles vieram fazer estrada perto da gente?". Nós não sabíamos se eles eram bravos. Nós pensamos: "Eles devem estar acampados em algum lugar. Se tiver que ter guerra estaremos prontos".

Indígena Panará 1: Ouvimos barulho de carro. Quando o carro começou a chegar, nós começamos a adoecer. Antes da estrada nós não adoecíamos.

Indígena Panará 3: As doenças eram diferentes, por isso que não sabíamos tratar. O pajé já não conseguia tratar mais nada.

Indígena Panará 4: Eles jogavam as doenças na gente e nós ouvíamos estrondos. Explodia alguma coisa que quase acabou com a gente. A gente ficava rouco e com fraqueza no corpo. Nós deixávamos os doentes sem saber como tratá-los.

Indígena Panará 2: Foi difícil sobreviver. Cada vez mais gente morria. Quase que os Panará se acabavam. Foi então que começou a aparecer um avião. Ele nos deixou com medo. Nós ficamos preocupados. A gente pensava que eles queriam nos atacar, então nós brigávamos com o avião.

Indígena Panará 4: Nós, moças e rapazes, chorávamos com medo dos aviões. Eles sobrevoavam bem baixinho. Os homens flechavam o avião, mas a flecha não entrava. O avião quebrava nossas flechas. A gente se escondia embaixo das bananeiras. As crianças se escondiam na mata fechada. Eu chorava muito com medo dos brancos.

Discurso dos indígenas Panará (Krain-a-Kore). Em: "De volta à terra boa" (Vídeo nas Aldeias). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KwXKuOSHE5k>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

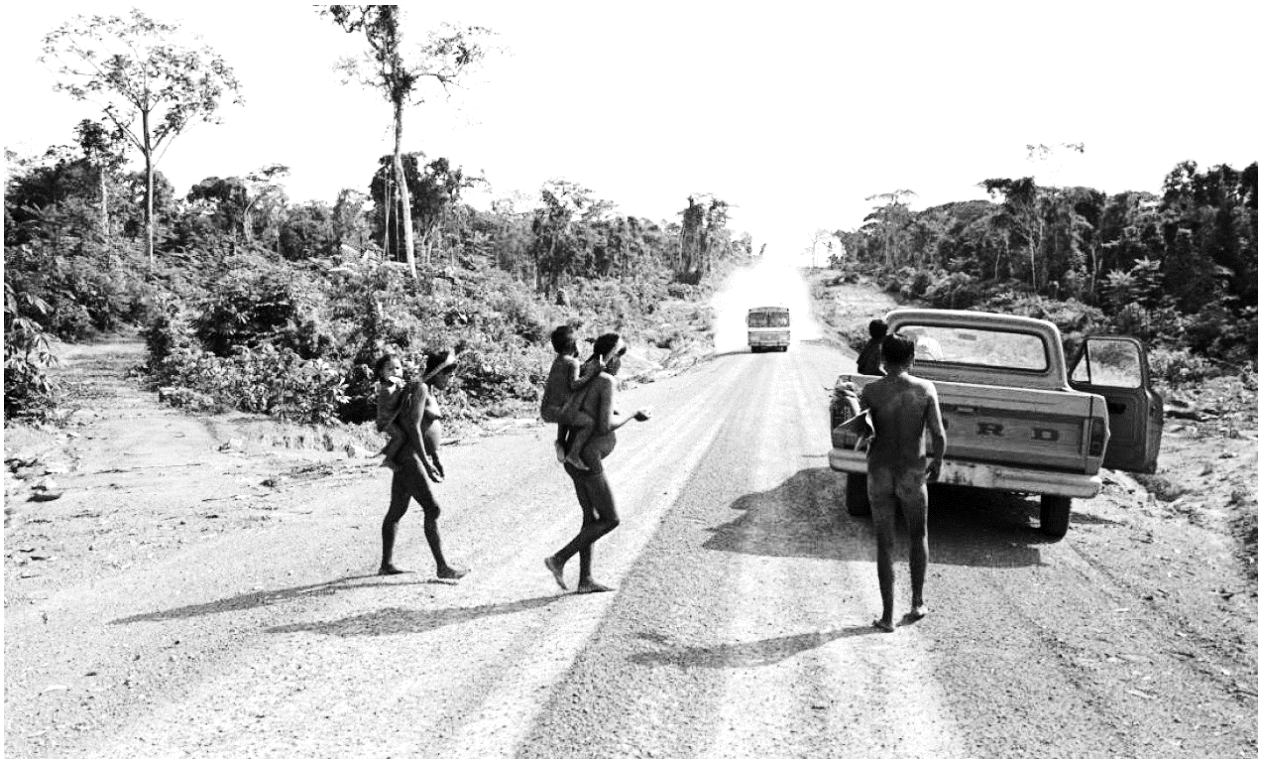
Documento 8

Índios hostis nas margens da Transamazônica, índios gigantescos em Roraima, índios desconhecidos na selva mais remota, vivendo ainda na Idade da Pedra. Agora mesmo, 70 paracanãs saquearam um acampamento da Funai, a 78 quilômetros do pôsto de Tucuruí, levando tudo o que os funcionários brancos tinham. Mas o Ministério do Interior diz que não há perigo para os trabalhadores que abrem a grande estrada, pois os sertanistas estão agindo: os irmãos Vilas Boas embrenham-se nas escuridões do Xingu. E afirmam: "Ainda há muitos mistérios nesses Brasis."

"Em busca dos índios gigantes". Jornal do Brasil, 18 de novembro de 1970. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27414_20140428_112933.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Segundo o presidente da Funai, o drama dos kranhacãrores, nas margens da rodovia Cuiabá-Santarém, é realmente assustador. "Para quem acompanhou a vida desses índios desde os primeiros contatos — afirmou o general — é muito fácil verificar que praticamente a metade dos índios existentes há pouco menos de três anos não existe mais. E são os próprios brancos que trasmitem as mais variadas espécies de doenças entre os índios".

"Funai reconhece decadência dos kranhacãrores". O Estado de São Paulo, 02 de outubro de 1975. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27701_20140605_125643.pdf>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.



Fotografia - Índios Krain-a-Kore (Panará). Orlando Brito, em O Globo, 25/03/2017. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-historia-de-resistencia-morte-dos-povos-indigenas-na-ditadura-militar-21110809>. Acesso em: 17 de jun. de 2020.

Acervo ISA

ARQUIVO CIMI - MA
Fonte: A Gazeta
Data: 03/12/1994
Pag. 4B

Krena-karore retornam às terras

Josana Salles
Chefe de Reportagem

A região de Guarantã do Norte, na gleba Iriri, está prestes a ser palco de um grande conflito entre grileiros e os índios krena-karore, que há 20 anos eram os donos de todas as terras que hoje foram às cidades de Guarantã do Norte, Matupá e Peixoto Azevedo até a divisa de Mato Grosso com o Estado do Pará. Em 1975, os krena-karore foram levados para o Parque Nacional do Xingu, mas há dois meses resolveram que queriam voltar para suas terras. Ontem, o chefe administrativo do Parque Nacional do Xingu, Megaron Txucarramae admitiu por telefone que os krena-karore já estão em Mato Grosso nas margens do rio Iriri e querem suas terras de volta.

Segundo informações de Megaron, os krena-karore nunca se acostumaram a viver no Parque Nacional do Xingu e sempre comentavam sobre voltar para suas terras. Em 1975, os índios foram levados em três aviões da Aeronáutica e da FEB — Força Expedicionária Brasileira. Ao todo eram em 400 índios e hoje foram reduzidos a um grupo de apenas 170. Megaron contou que foram feitas várias reuniões com os krena-karore no Xingu. "Eles sabem que suas terras transformaram-se em cidades, mas foram até lá e encontraram parte das terras, nas margens do rio Iriri, bem na divisa dos dois estados. Muitos já estão lá e construíram casas e fizeram roça", disse Megaron

Por enquanto não há notícias de conflito, mas a Funai está alerta para o problema, já que a área, de propriedade da União, e considerada "de memorial indígena", foi invadida em 370 mil hectares por grileiros. Na semana passada ocorreu uma reunião em Brasília com o superintendente regional do Incra em Mato Grosso, Funai e Ministério Público Federal, onde foi abordado o problema e a responsabilidade do Incra com as terras. Segundo o procurador-geral da República em Mato Grosso, Roberto Cavalcanti, o Incra tem "o dever de cuidar do patrimônio fundiário da União".

Ação civil pública foi movida pelo Ministério Público Federal

Krena-karore retornam às terras. A Gazeta, 03 de dezembro de 1994. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27718_20140609_1336pdf>. Acesso em 18 de jun. de 2020.

JT 5/11/96 Panará

ÍNDIOS PANARÁ VOLTAM PARA CASA

Delimitada área de 495 mil hectares em Mato Grosso

Os índios panará vão voltar a suas terras, depois de 20 anos. Ontem, o *Diário Oficial* da União publicou portaria do Ministério da Justiça delimitando uma área de 495 mil hectares às margens do Rio Iriri, em Mato Grosso, de onde esses índios foram expulsos para que o governo militar abrisse a estrada Cuiabá—Santarém. Os panará, conhecidos também como crenacarore (*homem do cabelo cortado*), foram levados para o Parque Nacional do Xingu, mas nunca se adaptaram à região.

Além da área dos panará, foi delimitada ainda uma área de 3.620 hectares dos índios paresi, e a terra indígena de Escondido, dos índios rikbaktsá, com 169 mil hectares, todas em Mato Grosso.

A área destinada aos índios panará é a continuação das terras em que eles viviam há 20 anos.

Índios Panará voltam para casa. Jornal da Tarde, 05 de novembro de 1996. Disponível em: <https://documentacao.socioambiental.org/noticias/anexo_noticia/27731_20140609_175403.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2020.